

“Quem cuida de nós?”: jornal-laboratório como mídia local contra-hegemônica

Marco Túlio Pena Câmara¹
Claudio Lessa²

Resumo:

O rompimento da barragem da empresa Samarco (Vale/BHP) causou a destruição do subdistrito de Bento Rodrigues, pertencente à Mariana. Veículos midiáticos de todo o país pautavam o maior desastre socioambiental do Brasil. Na cidade, destaque para a cobertura dos produtos laboratoriais do curso de Jornalismo da UFOP, com angulações locais e abordagens que se diferenciaram da grande mídia. Este artigo busca analisar a cobertura feita pelo jornal-laboratório Lampião, como mídia local contra-hegemônica. Para tanto, buscamos o conceito de jornalismo local (CAMPONEZ, 2002) e a prática laboratorial (MIRANDA E MILATI, 2013). Percebemos que a abordagem local deu maior ênfase às pessoas atingidas e demonstrou preocupação maior com assuntos que afetavam diretamente na vida dos moradores.

Palavras-chave: Jornalismo local; Jornal-Laboratório; Mídia contra-hegemônica.

“Who takes care of us?”: journal-laboratory as counter-hegemonic local media

Abstract:

The rupture of a dam belonging to the company Samarco (Vale / BHP) caused the destruction of the district of Bento Rodrigues, in the city of Mariana. Media vehicles across the country went to Mariana for the biggest socio-environmental disaster in Brazil. In the city, we highlight the coverage of the laboratory products of the Journalism course at UFOP, with local angulations and approaches that differ from the mainstream media. This article seeks to analyze the coverage made by Lampião, as local counter-hegemonic media. Therefore, we seek the concept of local journalism (CAMPONEZ, 2002) and laboratory practice (MIRANDA AND MILATI, 2013). We realized that the local approach placed greater emphasis to the people affected and showed greater concern with issues that directly affected the lives of the residents.

Key words: Local journalism; Journal-Laboratory; Counter-hegemonic media.

Artigo recebido em: 15/10/2017

Aceito em: 16/11/2018

1 Doutorando em Linguística Aplicada (Unicamp) e Mestre em Estudos de Linguagens (CEFET-MG). E-mail: marcotulio.camara@gmail.com.

2 Doutor em Letras (UFMG) e Mestre em Estudos Linguísticos (UFMG). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens do CEFET-MG. E-mail: claudiohlessa@gmail.com.

Introdução

O rompimento da barragem de Fundão da empresa Samarco (Vale/BHP), em 05/11/2015, causou a destruição de Bento Rodrigues, subdistrito pertencente à cidade de Mariana, e é considerado, pela sua extensão e danos causados, o maior desastre ambiental do Brasil, matando animais, rios, vegetação e, principalmente, histórias. A lama de rejeitos da barragem rapidamente chegou ao Rio Doce e seguiu o curso até chegar ao mar, no Espírito Santo. Os impactos dessa tragédia são sentidos até hoje, dois anos depois. São histórias que foram soterradas, vidas que foram perdidas, comunidade que não foi refeita, esperança que ainda persiste latente.

Dada à importância do registro de tamanha tragédia, veículos midiáticos locais, estaduais e nacionais voltaram sua atenção, pautas e equipes à Mariana. Narrar um fato novo, com causas ainda desconhecidas e com abrangência que supera os limites territoriais estaduais, foi um desafio. Diferentes veículos com diferentes posicionamentos focalizavam as consequências da tragédia, seguindo cada um a sua linha editorial.

No âmbito local, destacamos a cobertura realizada pelos produtos laboratoriais do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, com sede em Mariana, município-sede dos distritos diretamente atingidos, onde ocorreu a tragédia. O curso conta com dois produtos, a saber: o Jornal Lampião, produzido pelos estudantes do quinto período, e a revista Curinga, feita pelos estudantes do sétimo período. Para este artigo, analisaremos apenas o jornal Lampião, por se denominar como jornalismo local, voltado e distribuído para a população das cidades de Mariana e Ouro Preto com seus respectivos distritos.

Ressaltamos, aqui, que este trabalho é parte da pesquisa de mestrado dos referidos autores, em que buscam analisar a cobertura midiática impressa da tragédia em quatro veículos mineiros: Estado de Minas, O Tempo, Lampião e Curinga, a partir do conceito de enquadramento e gestão de pontos de vista dentro da área de análise do discurso. O objetivo, tanto deste trabalho quanto da dissertação, é identificar traços contra-hegemônicos nos produtos laboratoriais, aqui considerados, também, como prática alternativa do jornalismo local, que visa, então, representar e dar voz à população da cidade, com abordagens voltadas diretamente para este público.

Sobre o jornalismo local

Inseridos em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, a partir do advento das novas tecnologias de comunicação e informação, e a rapidez da divulgação de notícias e acontecimentos, o jornalismo local, paradoxalmente, ganhou mais força. Isso se deve à necessidade de representatividade e resgate da identidade regional, que acabou por perder força e espaço com a globalização da informação (CARVALHO,

2013; FERNANDES, 2004; CICILLINI, 2006; RIBEIRO, 2010). Dessa maneira, os jornais locais são as principais fontes para notícias locais e funcionam como “porta-voz” da população à qual representam, que procura, nesses veículos, informações de interesses pessoais que afetam o dia-a-dia naquela localidade.

os jornais do interior são a ‘voz’ de suas comunidades. São neles, com seus artigos, editoriais, cartas de leitores, denúncias, que vemos a opinião pública manifestar-se sobre os assuntos que lhes dizem respeito. (QUEIRÓZ e OLIVEIRA, 2002, p. 5 *apud* CICILLINI, 2006, p. 7).

É nesse contexto que surge o chamado “Jornalismo de Proximidade”, apresentado por Camponez (2002). De acordo com ele, a territorialização da comunicação é a principal característica da imprensa local, que firma compromisso com a região e a população que a cerca. Mas é importante destacar que a relação não se restringe apenas ao espaço geográfico, mas com o vínculo construído e a dinâmica sócio-cultural comunitária (DORNELLES, 2005).

Camponéz (2012) aponta a pluralidade de vozes e a representatividade como principais características do jornalismo local, ainda que carreguem alta carga emotiva, o que pode interferir no trabalho ético e imparcial do jornalista.

a particularidade deste jornalismo se funda no facto de se dirigir ao indivíduo, enquanto sujeito integrado e participante numa comunidade geográfica delimitada, da qual é possível conhecer as características: mentalidades, hábitos, modos de viver, níveis de vida, preocupações culturais e sociais dominantes, etc. (MATHIEN, 1993, p. 43 *apud* CAMPONEZ, 2012, p. 40).

Dessa forma, considerando o jornal local como “a voz da comunidade”, ele deve abordar conteúdos de interesse dos cidadãos leitores, identificando o lugar ao qual se refere, em um processo de identificação entre receptor e o produto midiático. É importante destacar, no entanto, a valorização da Proximidade enquanto valor-notícia e critérios de noticiabilidade, tão trabalhada no campo do Jornalismo. De maneira sucinta, ela se refere à aproximação do acontecimento tanto em relação ao jornalista, quanto em relação ao público ao qual se destina, com a compreensão facilitada pelo contexto do leitor (CAMPONEZ, 2012 *apud* WOLF, 2003).

A partir dos estudos de Van Dijk (1990), Fernandes (2004) afirma que o jornalismo local “pressupõe conhecimento e relevância do fato para o leitor criando assim maior interação deste com sua comunidade e ideológica que provém de critérios gerais de consonância” (FERNANDES, 2004, p. 6). Assim, ressalta-se que a proximidade extrapola características geográficas, mas atinge também social e psicológica (FONTCUBERTA, 1993 *apud* FERNANDES, 2004). Tal aspecto é fruto, também, da homogeneização do público, que passa a demandar pautas de identificação local. Portanto, “na tentativa de restaurar estes elementos e de preservar a individualidade, é que o indivíduo anseia por uma informação que o identifique e o contextualize” (FER-

NANDES, 2004, p. 8). Dessa forma, há maior identificação e representatividade com aquilo que é noticiado na mídia local.

Ao resistir às regras ditadas pela globalização, a imprensa regional constitui, de facto e na prática, um meio privilegiado de afirmação e de fortalecimento das comunidades e culturas locais, sendo, simultaneamente, um espaço vivo de dinamização de cidadania. É visível uma sintonia entre jornalismo e vida cívica, pois aos órgãos de comunicação locais e regionais não lhes basta denunciar os problemas que afetam a comunidade onde se inserem, mas têm também a obrigação de se envolver no esforço coletivo de promover o debate e a discussão em redor desses mesmos problemas. (CARVALHO, 2013, p. 8)

Dessa forma, com o público focado na localidade à qual se insere, a imprensa local consegue adaptar a linguagem e produzir uma comunicação mais assertiva a seu público, diferentemente do observado em mídias globais. Assim, com maior identificação do público, que passa a se sentir representado pelo veículo midiático, o jornal também pode servir como fonte de resgate de tradições e manifestações cotidianas de determinado lugar, sempre relacionando o que está sendo retratado à influência direta em seu dia-a-dia.

A principal característica do jornalismo local que nos é fundamental para nossa análise e classificação do corpus é a relação de identificação do público com o produto, a partir da ideia de pertencimento e representatividade, facilitados pela proximidade física e o convívio harmonioso entre jornal e leitores.

Os meios de comunicação locais e regionais têm a missão de facilitar a organização das comunidades específicas, de oferecer canais por meio dos quais os pequenos grupos possam ver e identificar os seus anseios e oportunidades, abrindo portas para que circulem as vozes daqueles que não encontram outros espaços para se pronunciarem. (CARVALHO, 2013, p. 15)

Dessa maneira, observamos o jornal-laboratório incorpora práticas que são características do jornalismo local, uma vez que procura fazer uma abordagem regionalizada, tanto em assuntos, quanto em fontes, além de procurar evidenciar e dar voz a sujeitos que, até então, não foram representados pela mídia considerada hegemônica.

Do fazer laboratorial

O principal diferencial do jornal-laboratório é a discussão teórica sobre a prática jornalística, não sendo esta mera reprodução mercadológica (MIRANDA E MILATI, 2013). Dessa forma, há reflexões durante o processo de produção e, também, acerca do produto final, buscando aliar conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do cur-

so, culminando em opções alternativas de prática jornalística, ainda que de maneira subentendida. Assim, o jornal-laboratório se caracteriza a partir de suas “reportagens interpretativas, contextualizadas, com valorização de infográficos e com pautas que se preocupem de forma mais abrangente com o homem e a modernidade” (MIRANDA E MILATI, 2013, p. 35).

O jornal-laboratório é espaço privilegiado para a reflexão crítica sobre a realidade, para a expressão estilística e política. Em recusa à falsa neutralidade e imparcialidade, fortalece o exercício da análise, da interpretação e do posicionamento político sobre a realidade, obtido da soma e do confronto de vozes plurais (BITTENCOURT E WANDELLI, 2013, p.141).

Dessa maneira, o jornalismo laboratorial, como prática da experimentação, busca revelar narrativas até então silenciadas pela grande mídia, dando luz a demandas políticas e sociais que acabam por ficar por fora do *mainstream*. É, portanto, nesse novo espaço de práxis jornalística que reside a importância do laboratório como resistência e experimentação de novas linguagens e adaptações modernas, visando à democratização de acesso e práticas contemporâneas de jornalismo, valorizando a produção coletiva e reflexiva do conteúdo que apresenta, sem se esquecer do valor pedagógico e da realidade educacional ao qual se insere.

Destacam-se, ainda, outras duas características que nos são caras para a escolha desse produto laboratorial para constituírem nosso corpus e servir de análise como certa produção alternativa da cobertura da tragédia e de interesse público, a saber:

Como produto, cumpre também o objetivo de ser um veículo de comunicação alternativo, aberto a pautas diferentes, à inovação na linguagem e à liberdade de expressão, sem amarras comerciais ou institucionais formalizadas. Como instrumento de mudança social, cumpre o objetivo de alertar a população sobre assuntos pouco difundidos na mídia e que merecem visibilidade, constituindo-se em um alicerce para cobranças e discussões amplas. (...) Amparado na ética, baliza discussões de interesse público e social, sem preocupar-se com interesses comerciais ou de natureza político-ideológica. Além disso, toma para si o desafio de dar voz aos invisíveis, incumbindo-se da missão de buscar pautas inspiradoras e, ao mesmo tempo, contestadoras e reveladoras (MIRANDA E MILATI, 2013, p. 40).

Dessa forma, aliando-se aos conceitos e aproximações de definições da mídia contra-hegemônica, consideramos, para esta análise, que os referidos veículos exercem papéis contra-hegemônicos na cobertura da tragédia, ao procurar realizar abordagens diferenciadas da grande mídia, com liberdade e independência de definição de pautas a partir do interesse público local e abordagens que procurassem se diferenciar do que já circulava nos ambientes midiáticos.

Outra característica comum a jornais-laboratórios, também observada no nosso corpus, é em relação à independência e adaptação das regras de noticiabilidade tradicionais do jornalismo, adaptando à realidade laboratorial (TRAQUINA, 2004 *apud* MIRANDA E MILATI, 2013, p. 36). É nesse sentido que se instaura a principal diferen-

ça de abordagem e enquadramento observada no jornal-laboratório, por não seguir a ideia mercadológica, com aspectos mais pessoais da cobertura e de enquadramentos, inovando não só na abordagem, mas também na linguagem empregada, cumprindo, então, o papel de experimentação de produtos laboratoriais (MARQUES, 2013).

Dessa forma, podemos observar traços do jornalismo local e características contra-hegemônicas nas coberturas realizadas pelos produtos laboratoriais em análise, já que procuram evidenciar discursos que não foram representados na grande mídia e realizar abordagem focada nos impactos locais que a tragédia causou, em sentido amplo. Tais constatações podem ser tomadas a partir da análise da gestão de ponto de vista, considerando termos axiológicos e gestão de vozes, e abordagens dadas pelos veículos, como trataremos a seguir.

Das características contra-hegemônicas

A dependência dos meios de comunicação a poderes político-econômicos tem sido alvo de estudos e de crítica à forma com que essa relação se dá e interfere no produto midiático. Ramonet (2013) critica o modo de fazer jornalismo na atualidade, com os interesses econômicos das empresas midiáticas e a crise de credibilidade que a imprensa tem sofrido com o advento da internet e facilidade de acesso à informação, dentre outros aspectos. O autor defende a ideia de que as empresas de mídia sofrem grande influência e dependência dos poderes político-econômicos, o que leva, também, à falta de confiança do público nesses meios. Assim, se levanta a seguinte questão: “eles defendem os interesses dos cidadãos ou dos grupos proprietários?”. Essa pergunta se torna legítima, pois “a maioria dos meios de comunicação pertencem a grupos que têm uma atividade econômica relevante” (RAMONET, 2013, p. 62).

É nesse sentido de contraponto entre a comunicação hegemônica e contra-hegemônica que Moraes (2013) direciona seus estudos. O autor postula que a difusão de “conteúdos de contestação às formas de dominação impostas por classes e instituições hegemônicas” (MORAES, 2013, p. 103) é o sentido contra-hegemônico que as agências alternativas buscam. De maneira sucinta, então, o autor resume a crucial diferença entre a mídia hegemônica e a contra-hegemônica, fundamental para nosso estudo e que usamos como critério de análise e definição:

(a mídia hegemônica) privilegia agendas convenientes aos países desenvolvidos, aos agentes econômicos globais e às elites hegemônicas. Decide que acontecimentos devem ser relatados e conhecidos, funcionando, muitas vezes, como canais universalizadores de valores e mentalidades que reproduzem o status quo, ao mesmo tempo em que neutralizam questionamentos e silenciam antagonismos, adotando um modelo tecnoprodutivo que garanta máxima velocidade ao fluxo informativo e padronização do produto final. No lado oposto, as agências alternativas inserem-se entre os segmentos da sociedade civil que reclamam um sistema de comunicação pluralista, opondo-se à centralização das informações em torno de um número reduzido de corporações (MORAES, 2013, p. 108).

Dessa maneira, o autor questiona os modos de produção das mídias inscritas nessa dicotomia, além de pôr em xeque a ética desses veículos que mantêm relações diretas e de interesses com o poder político-econômico. Assim, as ações contra-hegemônicas surgem como uma maneira de “superar as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista” (MORAES, 2013, p. 106). Dessa forma, contrariando a lógica de modo de produção e comercialização da informação, acreditamos que a classificação do jornal-laboratório em análise neste artigo como mídia contra-hegemônica seja válida, já que “projetos jornalísticos alternativos no plano da contra-hegemonia rejeitam a mercantilização da informação e valorizam a ‘crítica sempre inquietantemente reveladora, em busca de liberdade, esclarecimento’” (*op cit.*).

Nesse sentido, o autor também sugere um jornalismo que alie a formação crítica na elaboração dos discursos, promovendo a reflexão acerca do que está sendo noticiado, reconhecendo o poder do discurso midiático em uma sociedade cada vez mais midiaticizada, que “interfere na cartografia do mundo coletivo, na medida em que propõe óticas argumentativas sobre a realidade, aceitas por amplos segmentos sociais, dentro de uma lógica de identificação e correspondência” (MORAES, 2010, p. 67).

Seguindo a básica ideia de oposição, a contra-hegemonia é visceralmente o oposto à hegemonia. Ou seja, na comunicação, isso ocorre de forma mais participativa, de modo alternativo da convencional da sociedade, com as mídias ligadas a grandes conglomerados político-econômicos. Nesse sentido, o conceito se aproxima da comunicação comunitária, apontada por Peruzzo (2013), como alternativa contra-hegemônica que se opõe a grandes poderes que visam a manutenção da hegemonia social e política, seguindo, então, os princípios da comunicação cidadã, tais sejam a promoção da pluralidade representativa e a democratização do acesso a meios de comunicação, dentre outros.

Assim, o jornal-laboratório parece se encaixar nesse conceito, já que não se insere na lógica de mercado imposta pelos grandes grupos de comunicação e, ainda, visa representar e dar espaço àqueles que, historicamente, são silenciados na mídia hegemônica, encontrando lugar, nesses espaços, para que seus discursos sejam divulgados e representados em um ambiente midiático, além, claro, da proximidade com a comunidade retratada, construindo identificações e familiaridades (PERUZZO, 2007). Retratar um acontecimento sob o olhar dos atingidos corrobora com a ideia de que, “em tradições hegemônicas, reafirmam a visão de mundo das camadas dominantes, e em tradições contra-hegemônicas, reconstróem a história pela perspectiva das classes subalternas” (COUTINHO, 2005, p. 95 apud MEDEIROS, 2015, p. 4). É nesse sentido que ancoramos nossa classificação do jornal-laboratório com traços da contra-hegemonia, uma vez que enaltece os pontos de vista das vítimas da tragédia.

Análise

A edição especial do jornal *Lampião* leva o nome de “Do fim ao recomeço – quando a lama de uma barragem faz o tempo parar e o futuro persiste”, acompanhado da foto de um relógio de parede, marcando o horário aproximado da tragédia ao qual retrata, com a predominância da cor marrom. O título já indica como será trabalhada a narrativa e o tema do jornal, cujo objetivo é relacionar o acontecimento ao tempo, partindo da destruição de Bento Rodrigues, culminando na esperança de reconstrução dos moradores.

A primeira parte do jornal é destinada a reportagens que versam sobre a tragédia em si, como factual, com gêneros opinativos e informativos, abordando o impacto gerado e as relações políticas e econômicas que envolvem o setor de mineração na cidade, sinalizando “o fim” a que remete o nome do caderno. A transição, representada nas páginas centrais do jornal, abordam temas ainda mais factuais, como manifestações ocorridas na cidade, e pequenos fragmentos de temas outros, como a segurança do trabalho e projetos que envolvem a UFOP. A segunda parte do jornal aborda as consequências da tragédia e as possibilidades de futuro, além dela, como possíveis novos meios de trabalho, a reconstrução da identidade documental, a adaptação nas novas casas, dentre outros assuntos que envolvem o “recomeço” indicado na capa.

Para este artigo, então, escolhemos duas reportagens de cada parte indicada acima, das editoriais Cidade (“Quem paga a conta?”, da página 3), Economia (“À sombra da mineração”, da página 5) e Cidadania (“Burocracia feita com mágoa”, da página 9, e “Renascer longe do Bento”, da página 10). Acreditamos que as reportagens escolhidas para a análise estejam mais voltadas ao interesse local, tanto em abordagem quanto em fontes, o que justifica nossa escolha.

O título da reportagem “Quem paga a conta?” já apresenta o enquadramento por questionamento, ao sinalizar o apontamento de responsáveis pela tragédia e a respectiva urgência na resolução do caso a partir de tantas perdas. No destaque, uma fala do prefeito de Mariana sobre a relação da empresa com o município. As duas fotos que ilustram a matéria mostram a destruição de Bento Rodrigues, com objetos pessoais e casas soterradas pela lama. Ao fim da página, números sobre as multas que devem ser pagas pela empresa a instituições, como Ibama, Governos e Ministério Público, e à população afetada diretamente pela tragédia. Por meio do excerto em destaque e da leitura da reportagem, podemos observar uma cobrança maior da responsabilidade e da relação da Prefeitura com a empresa responsável pelas barragens. O jornal ainda dá um tom mais pessoal à tragédia e à responsabilidade atribuída a ela, além de cobrar medidas legais sobre a Samarco, também destaca a responsabilidade da Vale e da BHP Billiton, empresas acionistas que também utilizavam a barragem como descarte de rejeitos da mineração. Quando dimensiona o tamanho da tragédia, procura focar no município e nas pessoas atingidas direta e

indiretamente, ainda que também dê a dimensão nacional ambiental, citando a destruição do rio Doce, que passa pelos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Trata como “apuração criminal”, considerando o crime ambiental cometido pela empresa. Afasta-se da classificação de “acidente” dada pela Samarco³, em clara oposição à declaração da empresa, além de usar os termos “tragédia”, “destruiu”, “pessoas afetadas”, “responsabilidade pela tragédia”, observando, então, posição mais incisiva na cobrança por atitudes e respostas. Ainda assim, a matéria só apresenta o questionamento no título, embora questione, indiretamente, a responsabilidade pela tragédia no corpo do texto. É uma matéria informativa, sem adjetivação, com verbos informativos, como “declarou”, “falou”, “disse”. As fontes ouvidas são posicionamentos oficiais da Samarco, Vale e de órgãos públicos, além de relatórios e lei que versam sobre a mineração. Cita falas do prefeito da cidade, do promotor do Ministério Público de Minas Gerais, apresenta a falta de respostas de outros setores (como o governo de MG) e se ancora em relatórios e documentos oficiais para comprovar os impactos causados pela tragédia. Indica diretamente a Vale como uma das responsáveis pelo ocorrido, mas não identifica a fonte usada na defesa da empresa. Mesmo com fontes oficiais de órgãos públicos estaduais e nacionais, a abordagem busca trazer sempre o impacto local que essa cobrança e responsabilização vão gerar no município.

“À sombra da mineração” é a reportagem de Economia do caderno especial. Ela faz uma análise da conjuntura econômica, impactos e possíveis soluções a partir dos impactos ambientais sofridos na cidade. Como fontes, a reportagem apresenta um desempregado, uma comerciante, o presidente do Sindicato Metabase Mariana, o secretário de turismo, cultura e desportos de Mariana, além do prefeito e dados do PIB da cidade. Tais informações comprovam a relação de dependência que existe entre a cidade e a atividade mineradora, seja por meio de empregos diretos e indiretos, seja pelos impostos pagos ao município. Em contrapartida, um especialista em recursos naturais e professor de economia da UFOP aponta possíveis saídas e as consequências negativas dessa dependência, refletindo sobre ela e para a diversificação da economia da cidade. Como possível solução, o turismo é tratado na reportagem como alternativa e fonte de mais investimentos e atenção, tanto da prefeitura, quanto dos comerciantes, que buscam saídas para a crise que a cidade passou a enfrentar com mais força após o rompimento da barragem. Dessa forma, observamos o enfoque econômico local, além dos empregos diretos relacionados à empresa, passando também pelo comércio, que depende do poder de compra dos habitantes, e do potencial turístico que a cidade possui, apontando investimentos no setor como possível saída da crise econômica que a cidade e seus moradores passam a partir da tragédia.

A matéria “Burocracia feita com mágoa”, que abre a editoria de Cidadania, versa sobre a documentação perdida dos moradores, a solidariedade dos habitantes de Mariana, a reconstrução das vidas que perderam tudo com a tragédia e a nova moradia cedida aos antigos habitantes que ficaram desabrigados. A matéria descreve a

3 O trecho da reportagem diz “Samarco classifica como acidente”

dificuldade que os atingidos estão tendo em normalizar os documentos e assuntos burocráticos, abordando o quanto isso vai dificultar na vida deles, a partir do drama de duas moradoras. O analista de comunicação da Samarco contou a atitude da empresa nesses processos e o promotor de Direitos Humanos de Mariana explica a relação específica de casos como esse. Assim, podemos observar um assunto que quase não foi tratado na grande mídia, tendo em vista o seu foco local, que afeta o dia-a-dia da população da cidade e impacta em atividades rotineiras das vítimas da tragédia, também contando com a prestação de serviço e informação de interesse pessoal dos atingidos a partir das informações do promotor da cidade.

“Renascer longe do Bento” mostra a história de “renascimento” de uma “ex-moradora do ex-Bento”, que, como todos do distrito, perdeu a própria casa e agora conta com o apartamento cedido pela Samarco. O texto trata a tragédia como trauma de lugares de terra e a transição da tristeza à alegria devido a ter um lugar para morar e conseguir se reestabelecer. Em toda a editoria, a tragédia é tratada como “calamidade”, “trauma”, em um tom mais pessoal e emocional sobre as vítimas. Novamente, a questão das novas moradias e a reconstrução depois da tragédia teve o enfoque pessoal, sob olhar das vítimas, que contam como está sendo a adaptação à nova vida, não com posicionamentos oficiais da empresa, que se distancia da população atingida. As casas que foram perdidas representam muito mais que moradia, mas também o sustento, a história, a memória, temas esses que foram abordados na matéria sob o posicionamento e visão da vítima.

Dessa forma, observamos que o jornal *Lampião* se divide em editorias como os jornais tradicionais (Editorial, Política, Economia, Esporte etc). Nesta edição especial, a tragédia foi o tema de cada editoria, seguindo suas angulações específicas, diferentemente dos jornais tradicionais, que tratam só em “Cidades”, ainda que abranja outras temáticas (como a Economia, por exemplo). Assinalamos que as reportagens escolhidas para esta análise trataram do tema sob aspecto pessoal, como característica de um jornalismo local, utilizando sempre as fontes ligadas à cidade. Abaixo, o quadro analítico geral que resume a análise aqui feita:

Quadro1: Tabela analítica de reportagens do Jornal Lampião

REPORTAGEM	TEMA	GESTÃO DE VOZES	ÍNDICE DE SUBJETIVIDADE - TERMOS AXIOLÓGICOS	TRATAMENTO DE IMAGENS	LEITURA CONOTATIVA
Quem paga a conta?	Cobrança de indenizações	Prefeito de Mariana; posicionamentos oficiais da Samarco e da Vale; Promotor do Ministério Público de Mariana; Departamento Nacional de Produção Mineral.	“tragédia”, “destruiu”, “pessoas afetadas”, “responsabilidade pela tragédia”. A palavra “acidente” é usada como discurso relatado direto da Samarco.	Destruição de Bento Rodrigues, com foco nos objetos pessoais e casas soterradas pela lama.	Apesar de ser uma matéria informativa e incisiva sobre a responsabilidade das empresas pela destruição causada, e não conter depoimentos de vítimas, o foco ainda é mais humano, ressaltando as perdas pessoais dos atingidos pela tragédia.
À sombra da mineração	Conjuntura econômica a partir dos impactos sofridos na cidade	Um desempregado; presidente do Sindicato Metabase de Mariana; Secretário de Turismo, Cultura e Desportos de Mariana; Prefeito de Mariana; Especialista em recursos naturais e professor de Economia da UFOP; dados do PIB	“desastre ambiental”, “impactos indiretos”, “prefeitura não sabe”	Placas de turismo e de questionamento da dependência da economia com a mineração	A economia local é o principal foco, demonstrando a forte dependência com a mineração, o que deveria ser revisito. Apresenta possível solução com o turismo, sempre com papel questionador em relação a ações da Prefeitura.

REPORTAGEM	TEMA	GESTÃO DE VOZES	ÍNDICE DE SUBJETIVIDADE - TERMOS AXIOLÓGICOS	TRATAMENTO DE IMAGENS	LEITURA CONOTATIVA
Burocracia feita com mágoa	Burocracia de documentação perdida	Duas moradoras; Analista de Comunicação da Samarco; Promotor de Direitos Humanos de Mariana	“calamidade”, “tragédia”	Foto de uma carteira de identidade nas mãos de uma pessoa	Aborda um assunto pouco retratado na mídia tradicional, mas que impacta diretamente o cotidiano das vítimas, a partir de como algo considerado simples, como a documentação, pode atrapalhar nas negociações e reconstruções das vidas afetadas.
Renascer longe do Bento	Vida atual e adaptação depois da tragédia	Uma ex-moradora	“trauma”, “tragédia”, “parece que nós estamos mortos”	Duas fotos da ex-moradora na nova casa	A antagonia entre a felicidade vivida em Bento e a tristeza atual em Mariana demonstram a relação que se estabelece com o subdistrito e com o “lar” em que vivia. As novas moradas impactam, também, no novo estilo de vida e na difícil adaptação, sobretudo em relação a espaço e rotina.

Fonte: elaborado pelos autores.

Considerações finais

O maior desastre socioambiental do país repercutiu em diversos meios, com diferentes abordagens. Realizar a cobertura midiática de uma tragédia como essa é uma árdua tarefa que envolve diferentes temáticas, a critério do veículo. Nesse sentido, o jornalismo local encontra o desafio de enquadrar o acontecimento sob o olhar pessoal das vítimas, diferenciando-se dos veículos de grande mídia.

Dessa maneira, o jornal trabalha a dicotomia entre perda e esperança, destruição e solidariedade. Em todos os textos, essas palavras são recorrentes para abordar o assunto e a realidade dos atingidos, seja como relato sobre as vítimas, seja como um olhar otimista sobre tal realidade, visando a recuperação após tanta destruição. Como principal característica do jornal-laboratório, ele promove a reflexão e lança o olhar crítico acerca de um tema exaustivamente trabalhado pelas mídias, diferen-

ciando-se na abordagem e finalidade.

Como jornalismo local, a produção cumpre o papel de trazer à tona a realidade e impactos diretos e indiretos que afetam a região, assim como também buscam responder as inquietações da população. Abordagens da economia local, do esporte de várzea e das perguntas que a população se faz são típicos do bom jornalismo local, que valoriza as inquietudes e busca responder aos anseios da população regional.

Assim, consideramos que o jornal-laboratório Lampião cumpre a missão à qual se determina a fazer, de ser um jornalismo local, com traços contra-hegemônicos, a partir das diferentes abordagens de temas conhecidos pela população, promovendo uma integração maior com a comunidade à qual está inserido, gerando maior identificação do público com o produto. Acreditamos, portanto, que coberturas como essa sejam a esperança e o exemplo de um jornalismo mais humano, voltado para a comunidade, valorizando o papel do jornalismo local para a representatividade e a preservação da identidade da região à qual se insere.

Referências

BITTENCOURT, L.; WANDELLI, R. Projeto jornal-laboratório: ambiente de aprendizagem dentro de uma visão de hipermídia. . In: SOSTER, D. A.; TONUS, M. (Org.). **Jornalismo-laboratório: impressos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

CAMPONEZ, C. **Jornalismo de Proximidade**. Coimbra: Minerva Coimbra, 2002.

CAMPONEZ, C. **Jornalismo regional: proximidade e distanciamos**. Linhas de reflexão sobre uma ética da proximidade no jornalismo. In: CORREIA (org.) **Ágora Jornalismo de proximidade: limites, desafios e oportunidades**: Covilhã, 2012.

CARVALHO, J. **A imprensa regional e local: estudo de caso do jornal O Ribatejo**. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Comunicação Social: Lisboa, 2013

CICILLINI, F. **Mídia impressa e informação local: o jornal impresso no centro do estado de São Paulo**. 2006

DORNELLES, B. Imprensa local. In: **Documentos básicos – Mídia Cidadã**. Seminário WACC/UNESP/METODISTA. São Bernardo do Campo. 28 a 30 de novembro de 2005.

FERNANDES, M. L. A proximidade como valor-notícia na imprensa do interior. In: ASSIS, F. (Org). **Imprensa do interior: conceitos e contextos**. Chapecó: Argos, 2013.

MARQUES, F. Laboratório como espaço criativo e experimental. In: SOSTER, D. A.; TONUS, M. (Org.). **Jornalismo-laboratório: impressos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

MEDEIROS, A. **Comunicação, poder e cidadania**: o encontro do alternativo e do contra-hegemônico em um mesmo veículo midiático. In: XIV Congresso Internacional IBERCOM: São Paulo, 2015.

MIRANDA, A.; MELATTI, S. Tradição e Aventura na Prática Laboratorial. In: SOSTER, D. A.; TONUS, M. (Org.). **Jornalismo-laboratório: impressos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013.

MORAES, D. de. **Comunicação, hegemonia e contra-hegemonia**: a contribuição teórica de Gramsci. Revista Debates, Porto Alegre, v. 4, p. 54-77, 2010.

MORAES, D. de. Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. In: MORAES, D de; RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. 1º Ed. São Paulo: Boitempo. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2013, p. 103 – 144.

PERUZZO, C. **Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania**. Lumina: Juiz de Fora, 2007, vol. 1

PERUZZO, C. **Comunicação nos movimentos sociais**: o exercício de uma nova perspectiva de direitos humanos. Contemporânea comunicação e cultura. Bahia, 2013, v. 11, p. 138-158

RAMONET, I. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados? In: RAMONET, I. MORAES, D.; SERRANO, P. (Orgs). **Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação**. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 53 – 70.

RIBEIRO, J. **A imprensa regional e as comunidades locais Jornal Alvorada**: caracterização de um quinzenário local do concelho da Lourinhã. Dissertação de mestrado, 97p. Instituto Universitário de Lisboa: Lisboa, 2010. Disponível em: <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/3969>, Acesso em: 05 out. 2017.